

Sociedade aberta
O quadrinista Pedro de Luna comenta o mercado brasileiro de HQs **B2**

Infantil
O crítico Ricardo Schöpke analisa a peça 'O milagre do santinho desconfiado' **B3**

Moda
Ilesa Rodrigues e os acessórios inovadores do Minas Trend Fashion **B6**

B



NANÁ & DODÓ - O percussionista e o DJ (à dir.) improvisam a essência do Blind Date

Múltiplas batidas

O projeto Blind Date, do percussionista Naná Vasconcelos e do DJ Dolores, abre as edições especiais do festival Multiplicidade 2009, terça-feira, no Oi Casa Grande **Página B4**

CAPA

Tais Toti

Naná Vasconcelos tem um encontro (às cegas) marcado na próxima terça-feira. Os batuques orgânicos do percussionista pernambucano encontram as batidas eletrônicas do sergipano DJ Dolores, em atração do festival Multiplicidade, no teatro Oi Casa Grande, com interferências visuais do artista plástico Raul Mourão e do diretor Leo Domingues. Chamada Blind Date, a parceria entre Naná Vasconcelos e DJ Dolores já havia sido testada no Recife e em São Paulo, e chega pela primeira vez ao Rio.

O Multiplicidade tem uma relação muito grande com a tecnologia, e o Naná é o contraponto, o oposto do que a gente prega com as pesquisas em arte digital — detalha o artista visual e curador do festival Batman Zavareze.

A parceria com o DJ Dolores contribuiu para virar um projeto no formato do evento, além de estimular os improvisos musicais do Naná.

Unindo a parceria musical ao trabalho visual de Raul Mourão e Leo Rodrigues, o evento promove um encontro inédito, fato que, segundo Zavareze, está no DNA do Multiplicidade.

Chamamos o Raul Mourão, que tem bastante afinidade com universo urbano e é ligado ao que o Naná constrói. E ganhamos uma adesão de peso com o Maneco Quinderé, convidado para fazer a luz.

O "encontro às cegas", que dá nome à parceria retrata bem o clima inesperado e de improviso que impera no show da dupla.

Batuques e beats às cegas

O percussionista Naná Vasconcelos e o DJ Dolores trazem ao Rio o projeto Blind Date, na programação do Multiplicidade 2009

— É um negócio muito inusitado e inesperado esse encontro para mim. Gosto muito desse desafio — garante Naná Vasconcelos. — Não sabemos no que vai dar, e isso é bom para sair da mesmice. Vai ser às escuras mesmo, pois chego de viagem da Alemanha no dia e já vou direto para a passagem de som.

O artista plástico Raul Mourão também considera o espetáculo um desafio.

— Fizemos tudo ouvindo as músicas. Juntamos alguns trabalhos meus, do Leo Rodrigues, e preparamos outros, inéditos. Mas vai ser editado na hora, então tem improviso, em função do que vai estar rolando ao vivo.

Aos que consideram sua parceria com o DJ Dolores improvável, o

percussionista aponta as semelhanças entre as sonoridades.

— O DJ Dolores é muito orgânico, apesar de lidar com a eletrônica. Meu trabalho é absolutamente orgânico, mas tem muita coisa que faço que parece eletrônico — compara Naná.

O percussionista diz que se sente rejuvenescido ao trabalhar com jovens e ver como eles pensam a música.

— Gosto de estar no meio dessas pessoas. Quando eu saí do Brasil muitos não tinham nem nascido. Gosto de ver o que os jovens estão fazendo agora, de estar lá.

Para Naná, a mistura inesperada só pode resultar em coisa boa:

— Ele é bom no que faz, eu tenho café no bule nas coisas que faço, pois tem honestidade, sinceridade.

“ Não sabemos no que vai dar. Vai ser às escuras mesmo, pois chego de viagem e já vou direto para a passagem de som

Naná Vasconcelos
Percussionista

» Em cartaz

Multiplicidade
Teatro Oi Casa Grande. Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon (2511-0800). 3ª, 21h. R\$15 (meia entrada para estudantes e idosos).

Fes
Cin
Orc
Art

Cor
anos d
dade a
ções a
17 de
Casa C
opic S
Anti VJ
parte
Geom
trilha
tetizad
— E

à ficção
man
Multi
O
apresen
novem
a edição
fim cor
Ordiest
A bar
Teatro
integra
de jazz
vivo o t
filme d
— O
so gran
inédita
uma ve
anos. J
audaci
— desta



BLIND DATE — "Eu procuro fazer música e ele trabalha com música já feita", brinca Naná Vasconcelos para explicar a parceria com DJ Dolores (ao fundo) que estreia nesta terça-feira no Rio



JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

GENTE BOA

Música às escuras

● O melhor dos produtores não conseguiria trabalho tão perfeito. O apagão pegou pelo meio o show de **Naná Vasconcelos** e DJ Dolores significativamente chamado “Blind date” (“Encontro às escuras”), anteontem no Oi Casa Grande. Entusiasmados, Naná e Dolores terminaram o show com o público, 350 pessoas, na calçada.

Luz de Naná ilumina o público na calçada

Naná Vasconcellos mostrou que tem luz própria. Sem energia elétrica para apresentar o espetáculo *Blind date*, no Leblon, encantou a plateia com um show na rua. Bares e restaurantes cariocas registraram perda de 75% do estoque de alimentos perecíveis. **Tema do dia A13**

O BRILHO DA ARTE

Um artista e seu público iluminam a escuridão

Naná Vasconcelos não para o show e encanta plateia no Leblon

**Luisa Côrtes
Tais Toti**

Um encontro às cegas, que une a percussão de Naná Vasconcelos e a batida eletrônica do DJ Dolores, ironicamente, terminou em apagão. O espetáculo Blind Date, do projeto Multiplicidade na noite de terça-feira, no teatro Oi Casa Grande, no Leblon, ficou literalmente às escuras, por volta das 22 horas, assim como 18 estados do Brasil. A proposta do show – trazer uma experiência musical inusitada, junto com interferências visuais do artista plástico Raul Mourão e do diretor Leo Domingues – foi além do esperado: os músicos não se intimidaram com o breu e permaneceram no palco, iluminados por duas lanternas. O público foi ao delírio e acompanhou, em coro, a música de Naná.

O evento, que marcou os cinco anos do festival Multiplicidade, encantou. A publicitária Stefania

Paola disse que permaneceu até o final do espetáculo. Antes, ela pensou que fosse um problema provisório, mas, depois, com o aviso de que o Brasil inteiro estava apagado, resolveu aproveitar a música, sem se incomodar com a falta de luz.

– O apagão não atrapalhou, ao contrário. Foi bem melhor no escuro, pelo inusitado. As pessoas continuaram lá. Foi lindo o momento em que todos se levantaram das poltronas do teatro e se aproximaram do palco para ouvir a música, já que não havia qualquer tipo de amplificação – afirma Stefania.

Para iluminar as ruas escuras na volta para casa, Naná Vasconcelos ensinou mantras à plateia, cantados em coro por todos. Além da “proteção em forma de oração”, os músicos fizeram questão de acompanhar o público até a rua para garantir a paz e segurança de todos na escuridão.

– O público do Multiplicidade iluminou o nosso show. Foi emo-



PROTEÇÃO – No final, Naná ensinou um mantra para as pessoas cantarem na volta para casa no escuro

cionante fazer a apresentação no palco, no escuro e seguir para a rua, em pleno Leblon, com mais de 350 pessoas. A proposta do evento já diz “imagens e sons inusitados”. Perfeito para a noite de ontem: arte e emoção que lembraram a década de 60 – comemorou Naná.

Outro que vibrou com o sucesso do encontro às cegas foi o curador do festival Multiplicidade, Batman Zavareze.

– É um paradoxo, mas foi o dia mais iluminado de todos os espetáculos nestes 5 anos de Festival. Naná transcende a tecnologia. No dia que o Brasil apagou, vimos um clarão de alto astral da cultura de nosso país – declarou.

Coleção de arte destruída

No mesmo bairro do Leblon, no entanto, o apagão causou uma tragédia cultural: O apartamento de

um colecionador de obras de arte pegou fogo por volta das 3h da madrugada, assim que a energia foi restabelecida. A causa provável é uma sobrecarga elétrica que provocou um curto-circuito. Mas de 50 quadros de pintores famosos viraram cinzas, num prejuízo incalculável. O fogo se alastrou rapidamente e o colecionador e sua mulher se trancaram no quarto até a chegada dos bombeiros.

12/11/2009

O SHOW NÃO PARA

Pelo menos em três lugares do Rio, o apagão não foi mal recebido. Durante o show “Blind Date”, no Teatro Oi Casa Grande, no Leblon, zona sul, a luz acabou quando Naná Vasconcelos e o DJ Dolores iniciavam a quarta música. Apesar de a casa possuir geradores de energia, o palco e a plateia ficaram à meia-luz e os instrumentos eletrônicos não puderam ser ligados. Sem a companhia do DJ, Naná continuou tocando os tambores, fazendo vibrar as mais de 900 pessoas no teatro lotado. “Criamos uma atmosfera maravilhosa”, disse Naná.

O Globo Online/ Blog do Ancelmo (08/11/2009):

AQUELE ABRAÇO

O Rio de... Naná Vasconcelos

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2009/11/08/o-rio-de-nana-vasconcelos-238803.asp>



Naná Vasconcelos (foto), 65 anos, o genial pernambucano que ganhou o mundo com seu batuque, desembarcou no Rio em 1967, para tocar com Milton Nascimento, e se apaixonou à primeira vista. De lá para cá, foi eleito oito vezes melhor percussionista do mundo pela revista americana "Down Beat". Naná, que passa mais tempo lá fora do que no Brasil, cumpre nova temporada na cidade. Terça agora, vai tocar no Teatro Oi Casa Grande, no Leblon, com DJ Dolores pelo projeto "Blind Date", no Festival Multiplicidade. Confira o Rio de Naná Vasconcelos.

Um carioca: "O cantor Luiz Melodia."

Um programa: "Passear pelo Jardim Botânico, é lindo demais." Um amigo no Rio: "Tenho vários, mas citando um, o produtor musical Geraldinho Magalhães."

Uma paisagem: "A Lagoa Rodrigo de Freitas." (veja a foto de Gabriel de Paiva)

Um lugar para comer: "O restaurante Nova Capela, na Lapa."

Uma recordação: "Sempre que penso no Rio me lembro do Cristo Redentor visto da Lagoa. É uma das vistas mais incríveis do mundo." (veja a foto de Custódio Coimbra)

GEMA

BLIND DATE: NANÁ VASCONCELOS E DJ DOLORES NO MULTIPLICIDADE

<http://gemagama.tv/blogs/agemda/?p=12031>



O encontro às cegas do DJ Dolores <http://www.myspace.com/dj.dolores> com o percussionista Naná Vasconcelos <http://www.nanavasconcelos.com.br/> aconteceu pela primeira vez em abril, no festival Quintal Pernambuco, e terá segunda edição nesta terça, no Multiplicidade <http://multiplicidade.oi.com.br/index2.php> , no Oi Casa Grande <http://oicasagrande.oi.com.br/> , com visual assinado pelo artista plástico Raul Mourão <http://www.raulmourao.com/> e pelo diretor Leo Domingues.

A parceria entre Naná e Dolores começou com composição da trilha da exposição de inauguração do Museu do Homem do Nordeste <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=1022&textCode=12235&date=currentDate> . “Trabalho com texturas, e minha música não é somente percussiva, pode ser também orquestral. Dolores está acrescentando samples, criando uma nova música, a partir de células que já existem”, explicou Naná ao [Diário do Nordeste](#)



DJ Dolores participou do projeto [Rip, Mash, Sample, Share http://creativecommons.org/wired/](http://creativecommons.org/wired/) , baseado nas licenças Creative Commons, ao lado de Le Tigre, Beastie Boys e The Rapture, e assinou trilhas de filmes como A Máquina, de João Falcão, e Narradores de Javé, de Eliane Caffé. No próximo

ano, lança seu terceiro álbum, 1 real.

Naná Vasconcelos tem 50 anos de carreira já foi eleito oito vezes melhor percussionista do mundo pela [Down Beat](http://www.downbeat.com/) <<http://www.downbeat.com/>> , e, no carnaval de Recife, ele e 600 batuqueiros abrem a festa com vocalistas como Maria Bethânia, Marisa Monte, Elza Soares e Lia de Itamaracá.

Ele acaba de gravar dois DVDs ao vivo na Europa, um com o pianista polandês Leszek Mozddek, no teatro de Varsóvia, depois das apresentações feitas no Rio, no morro da Mangueira e na Central do Brasil, e outro no Festival de Jazz de Istambul. Nestes sábado e domingo, está no Teatro Mogador de Paris, com a Cia. de Dança Balé de Rua, de Uberlândia.



Aqui com o Cordel do Fogo Encantado, no show de O palhaço do circo sem futuro

No final de novembro, o documentário [Diário de Naná](http://www.adorocinema.com/filmes/diario-de-nana/) <<http://www.adorocinema.com/filmes/diario-de-nana/>> , dirigido por Paschoal Samora, participa do Festival Internacional de Documentário de Amsterdã, com pesquisa sobre sons do recôncavo baiano.

O cara já teve parceiros como Milton Nascimento, Egberto Gismonti, Pat Metheny, B.B. King, Jean-Luc Ponty, Talking Heads, Caetano e Mundo Livre S/A. Tem até música no filme Procura-se Susan Desesperadamente.

.

Rio Show

Temporada de Fernanda Montenegro é prorrogada



Peça 'Viver sem tempos mortos' fica em cartaz até o fim de novembro

O 'jazz de maluco' de Naná Vasconcelos e DJ Dolores

Leia entrevista e assista a trecho da apresentação do projeto Blind Date

E o réveillon, hein?

Principais festas do Rio já aceitam reservas para as comemorações

Que tal um cineminha?

Saiba a opinião do Bonequinho

<http://oglobo.globo.com/blogs/mpb/>

Enviado por Leonardo Lichote -

11.11.2009

|

13h51m

[Blind Date rolou no escuro](#)

Relato de Fausto Fawcett sobre o Multiplicidade de ontem, que atravessou o apagão. A atração era o Blind Date, como falei [aqui](#).

"O evento estava ótimo e, de repente, aconteceu o apagão. Pensamos que era uma pane local, um curto-circuito. Depois, ficamos sabendo que foi aquele lance meio armagedônico. Mas Naná driblou aquela situação, pegou o berimbau e suas outras armas e transformou a noite numa festa tribal. Ficou mais de uma hora assim, depois foram todos para a rua, num bloco, sublinhando o aspecto medieval da coisa."

Nesses vídeos, dá para ter uma ideia de como foi... [antes do apagão...](#)

http://www.youtube.com/watch?v=QuQJVJaRmhY&feature=player_embedded

... e depois.

http://www.youtube.com/watch?v=uOgymBqpPc4&feature=player_embedded

<http://oglobo.globo.com/blogs/mpb/>

Enviado por Leonardo Lichote -

10.11.2009

| [Dolores e Naná às cegas](#)

O Blind Date - projeto de DJ Dolores com Naná Vasconcelos - toca hoje pela primeira vez no Rio, no Oi Casa Grande, às 21h. Está dentro da série Multiplicidade - ou seja, tem imagem no meio, no caso com assinatura do artista gráfico Raul Mourão e do diretor Leo Domingues.

Além de Dolores e Naná, o Blind Date tem em sua formação Lucas dos Prazeres (percussão), Yuri Queiroga (multinstrumentista), Parrô (sax) e Deco (trombone).

E, na entrevista, Dolores explica melhor.

Como você definiria o Blind Date?

É um encontro de músicos amigos, coordenado por mim e por Naná. Temos apenas alguns temas definidos, e grande parte da música rola na hora através de improviso. É algo tipo... jazz de maluco. he he he

Como nasceu o projeto?

Eu fiz um trabalho de trilha sonora com Naná, e temos bastante afinidade, não só musical, mas também humana. O Geraldinho, nosso empresário em comum, sugeriu o nome e nos estimulou a tocar o projeto para frente. Há uma variação do Blind Date com o Siba. Fizemos um show em Nova Iorque tendo ele como convidado.

O release de vocês fala em sample de "Seven nation army". Que outros samples (e mais, que outros gêneros, que outros elementos) entram na mistura de vocês?

"Seven nation army" é um cover que já fazíamos no meu projeto. É tocado ao vivo, misturando com um tema do Mulatu Asthake, da Etiópia. Mas o show tem uma infinidade de samples, de Steve Reich ao pop japonês. Por isso, acho difícil que um dia façamos um disco... As leis brasileiras são muito atrasadas no campo da legalização de uso de samples. O modelo é o mesmo que rege os EUA.

O que há de roteirizado, formatado, e o que há de improviso na apresentação do Blind Date?

O roteiro inclui apenas a sequência de temas, mas, basicamente, tudo acontece na hora. Não é

difícil pois a galera já se conhece há um tempo, e grande parte da banda é feita pelo pessoal que toca comigo.

Depois de todos os trabalhos que têm sido feito desde a década de 90 em termos de fusão de eletrônica com ritmos tradicionais (comumente classificados como "regionais"), que terrenos há a explorar nesse campo hoje?

Não há limites! Musica é algo bem simples, formado pela combinação de poucas notas, mas a possibilidade de uso de acentos, de texturas, de harmonias... Isso não tem fim.